



UC/FPCE 2019

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (e-mail: andreiafilipamm@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica, sub-área de especialização em Psicologia Forense, sob a orientação de António Castro Fonseca

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Resumo

O presente estudo tem como objetivo testar a hipótese central da Teoria Geral do Crime, fundamentada por Michael Gottfredson e Travis Hirschi, em 1990, que postula que, na origem de qualquer comportamento antissocial ou desviante estaria a interação entre o baixo autocontrolo e a oportunidade. Para tal, utilizou-se um grupo de jovens (n =78) de um Centro Educativo português e um grupo de jovens da comunidade. Cada participante foi entrevistado, tendo preenchido uma Escala de Baixo Autocontrolo elaborada por Grasmick e colaboradores (1993) e uma escala de “oportunidade de crime”, que consistia num conjunto de questões que visam avaliar as oportunidades operacionalizadas em termos de amigos desviantes que o indivíduo tem, assumindo-se que quanto mais amigos desviantes o indivíduo tiver, maiores serão as oportunidades de transgressão. Num segundo estudo, procurou-se analisar o poder de predição do baixo autocontrolo, oportunidade e interação destas duas variáveis, utilizando dados de um estudo longitudinal realizado em Coimbra em 1992-93.

Os resultados mostraram que os jovens internados em Centro Educativo apresentam mais baixo autocontrolo, o que vai de encontro com a Teoria Geral do Crime. No segundo estudo, verificou-se que a interação entre estas duas variáveis parece não ter tanta importância, contrariamente ao que a mesma teoria defende. Além disso, este segundo estudo sugere outras variáveis que podem influenciar o comportamento antissocial.

Palavras-chave: Baixo autocontrolo, comportamentos antissociais, crime, oportunidade.

The effect of low self-control in crime and antisocial behaviour: analysis of the General Theory of Crime in a sample of Portuguese adolescents

Abstract

The present study aims to test the central hypothesis of the General Theory of Crime, substantiated by Michael Gottfredson and Travis Hirschi in 1990, which postulates that at the origin of any antisocial or deviant behavior there would be the interaction between low self-control and opportunity. To do so, we used a group of young people (n = 78) from a Portuguese Education Center and a group of young people from the community. Each participant was interviewed, having completed a Low Self-Control Scale elaborated by Grasmick et al. (1993) and a "crime opportunity" scale, which consisted of a set of questions destined at evaluating the opportune opportunities in terms of deviant friends that the individual has, assuming that the more deviant friends the individual has, the greater the opportunities for transgression. In a second study, we tried to analyze the power of prediction of the low self-control, opportunity and interaction of these two variables, this through a database of a longitudinal study carried out in Coimbra in 1992-93.

The results showed that the young people admitted to Educative Center have lower self-control, which goes in line with the General Theory of Crime. In the second study, the results showed that the interaction between these two variables seems not to be as important as the assumptions that the same theory defends. Plus, this study suggests other variables that may influence antisocial behavior.

Key words: Low self-control, antisocial behaviors, crime, opportunity.

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento Teórico	2
1. Crime	2
2. Autocontrolo.....	2
3. Oportunidade de Crime.....	5
4.O impacto do baixo autocontrolo no crime: uma breve revisão da literatura	6
5. O impacto do baixo autocontrolo no crime: uma breve revisão da literatura em Portugal.....	7
II - Objetivos	9
III – Estudo 1	9
1. Participantes	9
2. Instrumentos	10
3. Procedimento.....	10
4. Resultados	11
IV – Estudo II	12
1. Participantes	12
2. Instrumentos	13
3. Procedimento.....	14
4. Resultados	14
V - Discussão	16
VI - Conclusões	17
Bibliografia	19
Anexos	23

Agradecimentos

Ao Professor Doutor António Castro Fonseca, por toda a disponibilidade e apoio, pela grande exigência e por todos os conhecimentos que me transmitiu.

À estrelinha mais brilhantes do céu. Obrigada mamã, por todo o apoio, pelos sorrisos, pelos desabafos, pela partilha de experiências, por seres a melhor pessoa do mundo, o meu maior orgulho, a minha melhor amiga e maior confidente. Consegui mamã, conseguimos!

A toda a minha família, um sincero e gigante agradecimento. Ao meu pai, à minha irmã, aos meus tios e primos. Por me encorajarem a nunca desistir de lutar pelo meu sonho e por não me deixarem ir abaixo depois deste ano que muitas mágoas trouxe.

Aos meus amigos, sobretudo à Mariana, Nuno, Germano, Laura, Tânia e Suse. Apesar dos maus caminhos e das noites longas, nunca me faltou o vosso apoio e a vossa alegria contagiante. Em especial, um agradecimento à minha madrinha de curso e, sobretudo, amiga, Brígida. Por toda a ajuda e apoio que me deste sobretudo nesta reta final.

Ao Ricardo que, apesar de ter entrado recentemente na minha vida, foi um dos meus maiores apoios, uma das minhas maiores alegrias. Obrigada pelas vezes que me deste na cabeça, obrigada por sempre me orientares para o que era certo. Obrigada por teres entrado na minha vida.

Introdução

Nas últimas décadas surgiram diversas teorias explicativas do crime, procurando encontrar a origem e as causas do comportamento criminal, umas de carácter mais generalista outras de natureza mais específica. Uma das mais conhecidas e influentes é a Teoria Geral do Crime de Gottfredson & Hirshi (1990). De acordo com esta teoria, na origem do crime encontrar-se-ia, antes de mais, o baixo autocontrolo, que aqueles autores definem como uma característica da personalidade que regula a capacidade das pessoas para resistir às tentações de transgressão com que frequentemente se deparam. Aliás, essa variável explicaria igualmente vários outros comportamentos que não envolvem a violação formal da lei, pois como eles afirmam *“tanto no crime, como em comportamentos análogos, existe uma característica comum nos indivíduos, que se designa por baixo autocontrolo”*. Sob a designação de comportamentos análogos inclui-se por exemplo, o consumo de drogas, abandono escolar precoce, comportamentos de risco, entre outros. Todos eles teriam na sua origem um factor comum, especificamente, a procura de um benefício ou prazer imediato com prejuízo imediato ou a longo prazo para os outros, que seria outra maneira de definir o baixo autocontrolo. E, muitas vezes, a longo prazo, esses comportamentos também causam dano, prejuízo ou sofrimento ao seu próprio autor. Nesse sentido, a longo prazo, o crime não compensaria.

Além do papel do autocontrolo, Gottfredson e Hirschi destacam a presença de um outro factor, a oportunidade de crime. Por exemplo, o furto não poderá ocorrer se não houver nada para roubar ou se o indivíduo estiver completamente impedido de o cometer, mesmo que tenha baixo autocontrolo. A esse propósito os autores da teoria afirmam que *“a falta de auto- controlo não conduz necessariamente ao crime, podendo ser contrabalançada pelas circunstâncias e por outras características do indivíduo”* (pg.89).

Apesar disto, a ênfase desta teoria é colocada no papel do autocontrolo, pois como todos os indivíduos têm inúmeras oportunidades de crime, o que verdadeiramente distingue um criminoso de um não criminoso é o seu nível de autocontrolo.

Os autores chegaram à formulação dessa hipótese a partir de uma análise do conceito de crime tal como ele aparece definido em diversas teorias da criminologia.

I – Enquadramento conceptual

1. Crime

De acordo com algumas teorias tradicionais da criminologia, “um crime é um acto que viola a lei” (Goode, 2008). Gottfredson e Hirschi consideram esta definição como sendo insuficiente devido ao facto de não relacionar o conceito jurídico de crime com possíveis causas materiais. Segundo a teoria proposta por estes dois autores, o conceito de crime pode definir-se como um comportamento que fornece satisfações momentâneas ou imediatas mas que comporta consequências negativas. Estas consequências negativas podem incluir dano físico, sanções legais, afastamento de instituições educacionais, desaprovação de familiares, professores e amigos. Por outras palavras, os crimes são essencialmente atos de força ou fraude empreendidos em busca de interesse próprio. Sendo assim, Gottfredson e Hirschi usam uma definição comportamental, muito lata, do crime, susceptível de abranger os actos considerados como crimes por algumas jurisdições mas não por outras, como é o exemplo da prostituição, ou actos que geralmente não são considerados criminosos no sentido restrito da lei, e que os autores classificam como comportamentos análogos. Por exemplo, abuso de álcool e tabaco, comportamentos sexuais de risco, mentir, faltas injustificadas às aulas ou outros actos que geralmente estão tipificados na lei como sendo crimes.

Muitos desses comportamentos aparecem na literatura sob a designação de comportamentos antissociais ou conduta desviante. Segundo Negreiros (2001), o comportamento antissocial refere-se à diversidade de atividades que se relacionam com a violação das normas e das expectativas socialmente estabelecidas. O mesmo autor caracteriza o conceito delinquência considerando simultaneamente dois fatores, sendo eles os actos cometidos pelo sujeito e a idade do sujeito que comete os actos. Os actos cometidos pelo sujeito estarão tipificados na lei penal como crime e a idade refere-se às faixas etárias compreendidas até à idade de responsabilidade criminal. Apesar da distinção entre delinquência e criminalidade adulta, há teorias que propõem a mesma explicação para as diferentes transgressões sociais independentemente da idade em que elas ocorrem. Uma delas é a Teoria Geral do Crime, proposta por Gottfredson e Hirschi, que irá ser o quadro base deste estudo. A sua tese central é que os atos de delinquência e crime tendem a ser praticados por indivíduos com um nível de autocontrolo relativamente baixo.

2. Autocontrolo

Na literatura encontramos diferentes definições de autocontrolo que destacam características diferentes, tais como as disposições temperamentais, traços da personalidade, padrões estáveis de comportamento, estilos cognitivos, motivação ou competências pessoais. No âmbito desta teoria, esta expressão *baixo autocontrolo* integraria seis componentes diferentes, sendo elas a impulsividade, preferência por tarefas simples, tomada de riscos, preferência

por atividades físicas, egocentrismo e um temperamento volátil ou explosivo. A impulsividade está relacionada com a tendência para responder a estímulos tangíveis no ambiente imediato. A preferência por tarefas simples refere-se à “falta de diligência, tenacidade, ou persistência no decurso da acção”, de forma que indivíduos com um baixo nível de autocontrolo preferem “gratificações de desejos fáceis ou simples”. A tomada de riscos reflete a tendência que os indivíduos têm para praticarem atos mais arriscados em vez de atos mais cuidadosos, pois os atos criminosos são “excitantes” “e/ou “emocionantes”. A preferência por atividades físicas faz com que o indivíduo, em vez de atividades “cognitivas” ou “mentais” prefira atividades como o crime que requerem pouca habilidade e/ou planeamento. As pessoas com baixo autocontrolo aparentam também ser mais “egocêntricas, indiferentes, ou insensíveis para com o sofrimento e as necessidades dos outros” (Gottfredson & Hirschi, 1990). Por fim, Gottfredson e Hirschi (1990) mencionam ainda que as pessoas com baixo autocontrolo possuem uma tolerância bastante menor à frustração e pouca habilidade para responder ao conflito através de meios verbais, utilizando preferencialmente meios físicos.

Normalmente as crianças aprendem a controlar-se progressivamente ao longo da infância. Porém, em certos indivíduos e por diversas razões (por exemplo disposições temperamentais, experiências de infância negativas, défices cognitivos ou sobretudo, faltas de competências dos pais), esse desenvolvimento normal não ocorre ou fica muito incompleto. Para designar essa situação, Gottfredson e Hirschi (1990) falam de baixo autocontrolo. Tal como é utilizado na Teoria Geral do Crime, este conceito coloca várias questões, algumas delas ainda não inteiramente resolvidas.

Entre as mais frequentemente referidas na literatura, encontram-se as que se prendem com a sua origem, a sua estabilidade e a sua natureza unidimensional ou multidimensional. Quanto à sua origem, os autores da teoria defendem que estes padrões de comportamento seriam apreendidos (ou não) na infância, nomeadamente através da educação proporcionada pelos progenitores ou cuidadores, permanecendo inalteráveis para o resto da vida e condicionando a adaptação dos indivíduos em diversos domínios da vida, tais como a nível do comportamento desviante, da saúde, do desempenho escolar e da adaptação ao trabalho. Segundo os mesmos autores, para que haja desenvolvimento das capacidades de autocontrolo, são necessárias quatro condições distintas, a saber, o vínculo dos progenitores à criança, pois é este laço afetivo que faz com que o cuidador se preocupe com o seu crescimento saudável; a supervisão parental, através da qual os cuidadores tentam antecipar e prevenir comportamentos antissociais da mesma; o reconhecimento do comportamento desviante, sem o qual, a monitorização não teria impacto no autocontrolo, e a punição do comportamento desviante, a qual não deve ocorrer nem de forma demasiado rígida nem demasiado branda.

De acordo com a Teoria Geral do Crime, as crianças que não tiverem oportunidade de desenvolver o autocontrolo ficam com menos capacidade de planear a longo prazo, de pensar antes de agir e de avaliar as consequências dos

seus atos, experimentando, mais tarde, grandes dificuldades em resistir às tentações da delinquência ou de outros comportamentos desviantes; mas isto não significa que estejam “condenados” a esta carreira pois o baixo autocontrolo pode ser influenciado por condições situacionais ou características do indivíduo, os designados fatores de proteção.

Quanto à estabilidade temporal do autocontrolo, algumas investigações mostraram que o autocontrolo é estável ao longo do tempo (Arneklev, Cochran, & Gainey, 1998; Turner & Piquero, 2002), enquanto outros autores referem a existência de uma estabilidade apenas moderada (Burt, Simons, & Simons, 2006). Os autores da teoria têm tentado chegar a um acordo sobre este ponto distinguindo entre dois conceitos de estabilidade diferentes, a estabilidade absoluta e estabilidade relativa. Nesta última, as crianças com menos autocontrolo continuarão a ter menos autocontrolo na idade adulta (por comparação com as crianças com elevado auto-controlo), mas nos dois grupos pode haver progressos com a idade, no sentido de um maior auto-controlo.

No que toca à unidimensionalidade do autocontrolo defendida por Gottfredson e Hirschi (1990), estes afirmam que embora o baixo autocontrolo inclua várias componentes, estas se encontram articuladas entre si de tal maneira que o baixo autocontrolo aparece como um construto unidimensional. Apesar disso, outras investigações chegaram a conclusões diferentes, defendendo que o baixo autocontrolo como um construto multidimensional composto por vários traços distintos, já acima referidos (e.g., Arneklev, Grasmick, & Bursik, 1999; Vazsonyi, Pickering, Junger, & Hessing, 2001).

Outra questão que neste âmbito tem sido muito debatida é a avaliação do autocontrolo. Para esse efeito têm sido utilizadas diversas metodologias e instrumentos tais como entrevistas, grelhas de observação direta, testes psicológicos ou tarefas estandardizadas de laboratório. Apesar disto, os investigadores têm concordado, de modo geral, no que respeita à natureza do autocontrolo e ao seu impacto no desenvolvimento dos indivíduos. Um dos aspetos com mais concordância entre investigadores consiste no facto de o autocontrolo facilitar o aparecimento de comportamentos desejáveis e neutralizar ou inibir comportamentos indesejáveis. Neste sentido, a Teoria Geral do Crime de Gottfredson e Hirschi (1990) defende que a tendência para os indivíduos cometerem crimes é universal, sendo o autocontrolo o principal traço que os diferencia dos seus pares bem comportados. Para operacionalizar este conceito de baixo autocontrolo, Gottfredson e Hirschi recorreram inicialmente a uma subescala do Inventário de Psicologia da Califórnia (Gough, 1975 cit in Grasmick et al., 1993) que aparentava conter alguns dos componentes daquele constructo. Contudo, esta subescala constituída por 38 itens não abrangia todas as características de baixo autocontrolo referidas na Teoria Geral do Crime. Por isso, Grasmick e colaboradores (1993) criaram a sua própria escala composta por 24 itens, quatro deles para cada uma das seis componentes deste construto. Desde então, tem sido esta a medida mais utilizada para avaliar o autocontrolo nos estudos sobre a Teoria Geral do Crime.

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

De maneira a analisar as características psicométricas da escala, diversas investigações como a de Arneklev e colegas (1993) avaliaram o efeito da escala de autocontrole de Grasmick e colaboradores (1993) em três tipos de comportamentos imprudentes, sendo eles fumar, beber e jogar. Os resultados mostraram que existia um efeito significativo do autocontrole no índice de comportamento imprudente; contudo, quando estes autores decompuseram a escala de baixo autocontrole nas suas 6 componentes, verificaram que as componentes "tarefas simples" e "preferência por atividades físicas", não prediziam de maneira significativa o índice de imprudência, embora a componente "tomada de riscos" apresentasse um forte poder preditivo por comparação com as restantes componentes da escala. A análise estatística desta medida permitiu concluir, por exemplo, que os componentes do baixo autocontrole incluídos nessa escala apareciam como um traço unidimensional, que a interação entre baixo autocontrole e oportunidade de crime predizia significativamente *força* e *fraude* quando os participantes mencionavam ter cometido este tipo de atos durante os 5 anos anteriores à entrevista, e que o impacto do baixo autocontrole no crime ocorria sobretudo através da interação com a oportunidade de crime.

3. Oportunidade de Crime

Segundo Gottfredson e Hirschi (1990), o baixo autocontrole por si só não é o único fator que determina o crime, sendo que a oportunidade de crime revela também algum impacto, especificando as condições em que o baixo autocontrole tem uma probabilidade maior de conduzir ao crime. Os mesmos autores afirmam que a oportunidade de crime tem um maior impacto em casos que possam produzir um "prazer imediato", isto é, que sejam "mentalmente ou fisicamente fáceis" e em que o risco de deteção e resistência seja reduzido. De uma forma geral, o crime ocorreria quando uma pessoa com um baixo nível de autocontrole se encontrasse numa situação de "alta oportunidade", ou seja, numa situação em que para o transgressor o prazer de exercer força ou fraude é maximizado e a dor ou a perda imediata é reduzida.

O efeito dessa variável é particularmente importante no período da adolescência. Por exemplo, Blos (1962) e Coleman (1985) sugerem que, na pré-adolescência/ adolescência, dá-se uma progressiva substituição da proximidade familiar pelo grupo de pares, já que as forças sociais/biológicas orientam a criança ao desenvolvimento de uma identidade que começa a ser cada vez mais independente dos pais, promovendo a identidade com os pares, passando estes a constituir a sua maior fonte de referência relativamente às normas de conduta. Ao estudarem a importância do grupo de pares, Kirchler & Gouveia-Pereira (1998) verificaram que 90 a 99% dos adolescentes inquiridos afirmavam pertencer a um grupo de amigos. Já Brown, Gichen e Petrie (citado por Kirchler, Palmonari & Pombeni, 1991) mostraram que é através do grupo de pares que o adolescente constrói e define a sua identidade, os seus interesses, a sua personalidade, reputação, individualidade, conformidade, entre outros. Assim sendo, o grupo de pares aparece, à semelhança da família, como uma entidade

O impacto do baixo autocontrole no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

de socialização “na qual os adolescentes adquirem valores e competências que lhes servem de guia para o seu comportamento” (Gouveia-Pereira, Pedro, Amaral, Alves-Martins & Peixoto, 2012 p. 191).

À semelhança do que sucede no processo de desenvolvimento social normal, os pares desviantes podem também desempenhar um papel importante na iniciação e na manutenção de comportamentos delinquentes (Smith, 2005). Efectivamente, vários estudos têm demonstrado que a proximidade a pares desviantes é um preditor mais forte do comportamento delinvente do que outras variáveis tais como, por exemplo, a família, a escola ou características da comunidade (Warr, 2002).

Para explicar a maneira como essa influência é exercida várias hipóteses têm sido avançadas. Assim, segundo a Teoria da Aprendizagem Social, os mecanismos de reforço e modelagem que os pares exercem habitualmente funcionam como agentes de socialização, influenciando-se reciprocamente através da experiência e da observação das interações sociais. Nesta perspectiva, os jovens serão simultaneamente agentes de controlo e de mudança dos comportamentos dos seus pares, na medida em que punem ou ignoram o comportamento social não-normativo e que recompensam ou reforçam positivamente o comportamento socialmente adequado e competente (Rubin, Bukowski, & Parker, 2006). Uma maneira simples e prática de operacionalizar essa variável pode ser a contagem do número de pares que se envolvem em comportamentos antissociais, embora várias outras sejam referidas na literatura.

4. O impacto do baixo autocontrolo no crime: uma breve revisão da literatura

Grande parte dos estudos acerca do autocontrolo concentram-se diretamente na medição deste constructo e na sua relação com a delinquência, o crime ou comportamentos análogos, isto é, analisam a hipótese de o baixo autocontrolo por si só estar na base dos comportamentos antissociais (Gottfredson e Hirschi, 1990)

Outra parte destes estudos têm incidido nas causas do autocontrolo e nos fatores da família que podem estar associados ao crime de forma mais geral, isto é, no impacto que algumas variáveis de ordem familiar podem influenciar um jovem a adotar comportamentos antissociais. E ainda outra parte associa-se à descrição de Hirschi acerca dos fatores de controlo social, tais como a supervisão por parte dos pais, crença na validade moral das regras e envolvimento em atividades convencionais do quotidiano

Uma outra conclusão das investigações mais recentes é que existe uma correlação moderada entre baixo autocontrolo e comportamentos problemáticos. Segundo Franken, Moffitt e colaboradores (2015), o autocontrolo durante a infância, se for fraco ou deficiente, é um fator de risco para diversas experiências de vida negativas, tais como o uso de substâncias tóxicas, ofensas criminais, abandono escolar, gravidez durante a adolescência (não planeada), problemas de saúde e problemas financeiros a longo prazo. Além disso, os adolescentes com baixo autocontrolo têm maior propensão para andarem com amigos desviantes, tornando-se assim difícil separar o papel independente destas mesmas variáveis.

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

Perrone e colaboradores (2004) analisaram 13 estudos relacionados com diferentes tipos de crime e comportamentos análogos evidenciando a relação entre autocontrolo e crime. Elaboraram então uma extensa lista de comportamentos antissociais que incluía por exemplo, fraude, drogas, acidentes, riscos de tráfico, absentismo escolar, mau comportamento; problemas escolares (Nakhaie, Silverman e LaGrange, 2000); consumo de álcool, uso de drogas e delinquência entre adolescentes (Zhang et al., 2002); compulsão alimentar (Tangney et al., 2004); consumo de tabaco, paternidade precoce do casal e casamento prematuro (Martino et al., 2004).

Quanto ao impacto do baixo autocontrolo na vida dos indivíduos, segundo DeLisi (2005), dezenas de estudos testaram empiricamente esta teoria e descobriram que o autocontrolo era preditivo de insucesso nas relações familiares, namoro, ligação à igreja, desempenho escolar e *status* ocupacional. Além disso, os indivíduos com baixo autocontrolo tendem a residir em bairros problemáticos e a não se conformarem com o sistema de justiça criminal.

Apesar disto, nem todas as investigações estão de acordo com a Teoria Geral do Crime. Comparando estudos longitudinais com estudos transversais, é de notar que o tamanho do efeito do autocontrolo foi mais fraco nos estudos longitudinais. Isto contrasta com a posição de Gottfredson e Hirschi (1990) que defendem que os preditores de crime em estudos transversais são exatamente os mesmos que nos estudos longitudinais. Mas para além destas, outras inconsistências têm sido encontradas. Uma delas prende-se com o carácter unidimensional ou multidimensional do autocontrolo. Gottfredson e Hirschi (1990) defendem que o baixo autocontrolo é composto por várias componentes que tendem a manifestar-se nos mesmos indivíduos, dando a ideia de que o baixo autocontrolo é um construto unidimensional. Mas, contrastando com esta posição, existem investigações que concluíram que se trata de um construto multidimensional, isto é, composto por vários traços diferenciados (Conner, Stein & Longshore, 2008).

5. O impacto do baixo autocontrolo no crime: uma breve revisão da literatura em Portugal

Contrastando com a quantidade de investigações destinadas a testar as suas hipóteses centrais em diversos países, a Teoria Geral do Crime tem suscitado até agora pouco interesse entre os investigadores portugueses.

Um estudo levado a cabo por Fonseca (2013) sobre a relação entre o consumo de drogas e os comportamentos antissociais na adolescência parece confirmar a hipótese da Teoria Geral do Crime, segundo a qual o baixo autocontrolo desempenharia um papel importante na a causa dos comportamentos antissociais e do consumo abusivo de droga em adolescentes. Concluiu-se que o comportamento antissocial na fase intermédia da adolescência prediz o consumo de droga aos 17-18 anos de idade, e que essa relação não desaparece quando se controla o efeito do baixo autocontrolo. Contudo, verificou-se também que o consumo de droga durante esse mesmo período tinha um fraco poder preditor do comportamento antissocial aos 17-18 anos de idade e que o seu efeito desaparecia mesmo quando se controlava a

influência do baixo autocontrolo avaliado aos 14 -15 anos de idade. Ou seja, verificou-se que o baixo autocontrolo é um fator importante na explicação dos comportamentos antissociais mas não na totalidade, pois o comportamento antissocial respeitante ao início da adolescência continuou a predizer o consumo de droga e a delinquência aos 17 -18 anos, mesmo quando se controlou o efeito do baixo autocontrolo.

Num outro estudo, Gomes e Pereira (2014), analisando a mediação do autocontrolo no funcionamento familiar e na delinquência juvenil, concluíram que o funcionamento familiar se encontra relacionado positivamente com o autocontrolo dos adolescentes, sendo estes resultados consistentes com as preposições da Teoria Geral do Crime. Por outras palavras, estes autores mostraram que à medida que o funcionamento familiar melhora, aumenta também a capacidade de autocontrolo dos adolescentes. Além disso, estes resultados permitiram concluir que a Teoria Geral do Crime pode ser entendida através do paradigma do funcionamento familiar, apresentado no Modelo Circumplexo dos Sistemas Familiares e Conjugais (Olson, 2011), segundo o qual, em sistemas familiares equilibrados e com níveis balanceados de coesão e flexibilidade familiar, há mais propensão para o desenvolvimento individual saudável, em que os adolescentes apresentam maiores níveis de autocontrolo.

Um outro estudo elaborado por Simões e colaboradores (1995) procurou avaliar a estabilidade do autocontrolo durante o período de transição para a vida adulta e averiguar possíveis efeitos do autocontrolo da adolescência em diversos domínios da vida adulta dos participantes, nomeadamente no comportamento antissocial, na saúde mental e no desempenho escolar e profissional. Os resultados mostraram que, contrariamente ao que defendem Gottfredson e Hirschi (1990), podem ocorrer importantes mudanças nos níveis de autocontrolo muito para além do fim da infância e que, por consequência, se pode intervir com sucesso com vista a aumentar ou fortalecer o autocontrolo dos indivíduos e, assim, prevenir a delinquência. Ainda de acordo com este estudo, o baixo autocontrolo no início da adolescência é um bom preditor de problemas no início da idade adulta, nomeadamente delinquência, consumo de droga, fraco desempenho académico, problemas de saúde mental e dificuldades de adaptação no trabalho.

Em síntese, os estudos até agora efetuados sugerem, pois, que o autocontrolo ou outras características semelhantes do indivíduo desempenham um papel importante no começo do comportamento antissocial cedo na infância e no seu prosseguimento ao longo da vida. Contudo, essa conclusão exige algumas ressalvas. Uma grande parte desses estudos utilizou métodos transversais e envolveu participantes no fim da adolescência ou início da idade adulta, tornando-se difícil averiguar se o baixo autocontrolo da infância ou dos primeiros anos da adolescência exerce ou não um efeito significativo no comportamento antissocial dos adultos. Por outro lado, os instrumentos utilizados para avaliar o autocontrolo e as oportunidades variavam muito de estudo para estudo, dificultando uma possível comparação e interpretação de resultados.

II - Objectivos

O presente trabalho tem como principal objectivo analisar a relação entre os níveis de autocontrolo, a oportunidade de crime e os comportamentos antissociais. Para tal foram realizados dois estudos. No primeiro, comparam-se os resultados de um grupo de reclusos jovens adultos com um grupo de jovens adultos da comunidade numa medida de baixo autocontrolo e noutra de oportunidades. A nossa hipótese era que os jovens do centro educativo têm menores níveis de autocontrolo, maiores níveis de oportunidade de crime e níveis mais elevados de comportamento antissocial do que os jovens da comunidade.

Por sua vez, no segundo estudo, utilizando jovens adultos da comunidade, procura-se examinar se o baixo autocontrolo, as oportunidades e a interação destas duas variáveis, avaliadas na adolescência, seriam mais tarde bons preditores do comportamento antissocial dos jovens adultos, de acordo com as predições desta teoria. Mas o poder explicativo da interacção entre baixo autocontrolo e oportunidades deveria ser ainda maior.

O recurso a dados de um estudo longitudinal com uma amostra da comunidade deveria proporcionar, por um lado, um teste mais adequado da relação causal entre baixo autocontrolo e oportunidades e, por outro lado, de comportamento antissocial. Mais concretamente, seria assim mais fácil avaliar se os resultados obtidos numa amostra de delinquentes “oficiais”, sujeitos a medidas de reeducação, serão generalizáveis a uma amostra mais vasta de indivíduos da comunidade que confessam ter-se envolvido em diversas transgressões, geralmente de menor gravidade.

III - Estudo 1. Compação entre um grupo de reclusos jovens adultos e um grupo de jovens adultos da comunidade numa medida de baixo autocontrolo e de oportunidades

1. Participantes

Com vista a atingir os objetivos estabelecidos para este estudo utilizou-se uma amostra composta por um grupo de 35 jovens de um Centro Educativo português e uma outra amostra constituída por 43 jovens da comunidade portuguesa, ambos os grupos do sexo masculino. A participação foi voluntária. Estes sujeitos têm idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade (Centro Educativo- $M=16.29$; $DP=1.13$; Comunidade- $M=14.65$; $DP=2.09$). Quanto ao grau de escolaridade, estes jovens vão desde o 1º ciclo até ao ensino secundário, sendo que os jovens da Comunidade têm em média o 8º ano e os jovens do Centro Educativo têm em média o 6º ano (Comunidade- $M=8.51$; $DP=1.88$; Centro Educativo- $M=6.40$; $DP=1.46$). Relativamente ao número de retenções escolares, os jovens da comunidade registaram uma média de 0 repetições e os jovens do Centro Educativo registaram uma média de 3 repetições (Comunidade- $M=0.05$; $DP=0.21$; Centro Educativo- $M=3.26$; $DP=1.34$).

A nível residencial, 18.6% dos jovens da Comunidade vive em meio rural e 81.4% em meio urbano, enquanto que 5.7% dos jovens do Centro Educativo

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

vive em meio rural e 94.3% em meio urbano.

2. Instrumentos

Escala de Autocontrolo

Para avaliar o autocontrolo foi utilizada a Escala de Baixo Autocontrolo de Grasmick e colaboradores (1993), uma medida constituída por 24 itens distribuídos por 6 subescalas correspondentes às dimensões do baixo autocontrolo propostas por Gottfredson e Hirschi (1990) na Teoria Geral do Crime. Na versão portuguesa, cada item podia ser respondido de acordo com uma escala de quatro pontos que variava entre 0 (nada) e 3 (muito), sendo que os vários itens fazem parte de subescalas específicas dentro deste instrumento (por exemplo, Item 1. *Faço as coisas impulsivamente, sem parar para pensar - impulsividade*; Item 6. *Quando as coisas se tornam complicadas, eu retraio-me ou facilmente renuncio a lutar por elas – tarefas simples*; Item 10. *Faço coisas arriscadas só para me divertir – tomada de riscos*).

Os resultados mais elevados nesta medida reflectem níveis mais baixos de autocontrolo.

Escala de Oportunidades

No que diz respeito à variável oportunidades, utilizou-se uma medida escala composta por 18 questões que visam avaliar as oportunidades operacionalizadas em termos de amigos desviantes que cada participante tem. Estas questões caracterizam as pessoas com quem o sujeito passa a generalidade do seu tempo, assumindo-se que quanto mais amigos desviantes houver, maiores serão as oportunidades de transgressão. As respostas dos sujeitos variavam entre 0 (nenhum amigo desviante), 1 ou 2, 3 ou 4, e 5 ou mais amigos desviantes.

3. Procedimento

A recolha de informação no grupo de jovens a cumprir medida de internamento em Centro Educativo foi realizada no Centro Educativo dos Olivais, em Coimbra, depois de concedida a autorização por parte da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e dos próprios jovens. Os questionários foram preenchidos por estes em salas de aula e no gabinete de psicologia, dependendo da disponibilidade dos espaços. Durante o seu preenchimento, apenas a investigadora e os jovens, individualmente, estavam presentes. Além dos questionários, houve lugar para algumas perguntas sociodemográficas acerca dos mesmos.

A recolha de informação no grupo de jovens da comunidade foi realizada na escola Centro de Estudos de Fátima, após se ter obtido o consentimento do

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

Diretor da Escola e dos jovens. Neste caso, o entrevistador foi o psicólogo da escola, o qual se mostrou interessado nesta investigação e se disponibilizou para escolher, aleatoriamente, alguns jovens da escola, de idades variadas, e, individualmente, questionou-os acerca das mesmas questões sociodemográficas colocadas aos jovens do Centro Educativo, e esteve presente aquando do preenchimento dos questionários, em salas de aula.

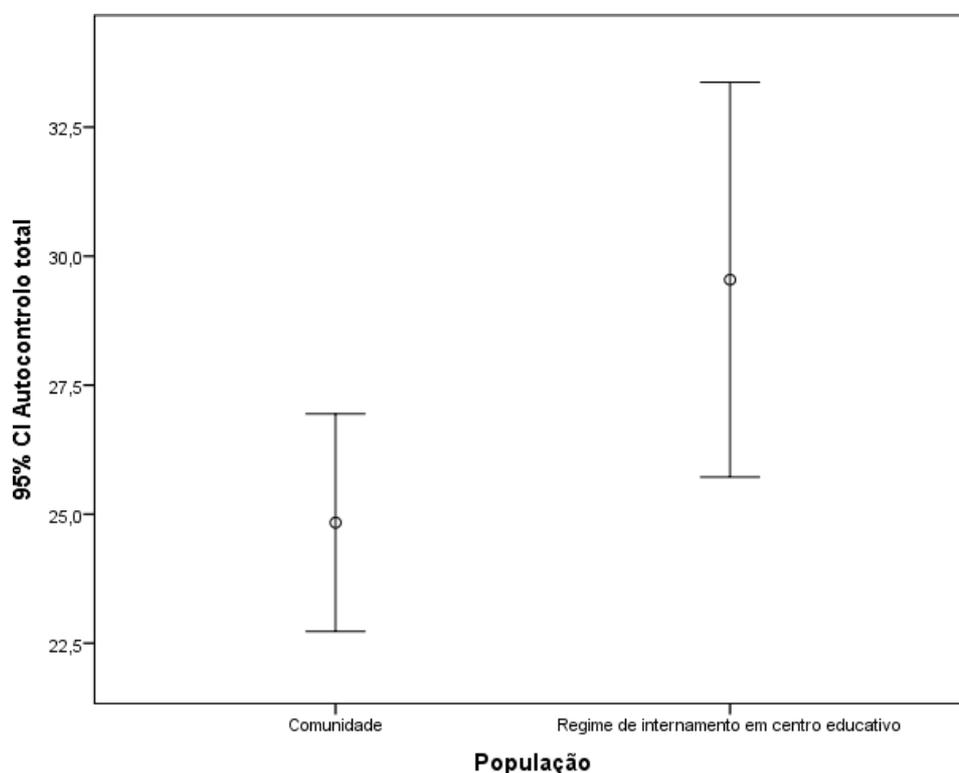
Em ambos os casos, depois de descritos os objectivos do estudo, foi garantida aos jovens a confidencialidade dos dados, salientando-se também a importância da sua colaboração nesta investigação.

4. Resultados

Os jovens do Centro Educativo terão menos autocontrolo comparativamente aos jovens da comunidade?

Recorrendo a uma análise estatística descritiva, obtivemos os resultados que estão apresentados no Gráfico 1 relativos à escala total do baixo autocontrolo nos jovens da comunidade e nos jovens que se encontram em regime de internamento no Centro Educativo. Utilizou-se para esse efeito uma análise de variância *One-Way ANOVA*.

Gráfico 1. Média dos dois grupos relativamente à Escala Total de Baixo Autocontrolo



Como podemos verificar, a diferença entre o grupo de controlo e o grupo de jovens do Centro Educativo é estatisticamente significativa ($p = 0.025$),

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

apresentando este último uma pontuação mais elevada (intervalo de confiança de 95%). Estes resultados corroboram então a hipótese central da Teoria Geral do Crime. Além disto, é de notar que há uma maior dispersão de resultados no grupo de jovens que estão a cumprir medida de internamento em centro educativo.

Quando comparadas as seis subescalas dessa medida, verificaram-se também diferenças estatisticamente significativas entre grupos na impulsividade ($p = 0.05$) e nas atividades físicas ($p = 0.00$), como se pode ver na tabela 1 em anexo. Relativamente às tarefas simples ($p = 0.87$), tomada de riscos ($p = 0.09$), egocentrismo ($p = 0.16$) e temperamento ($p = 0.79$) não foram registadas diferenças estatisticamente significativas.

Será que os jovens do Centro Educativo têm mais oportunidade de crime do que os jovens da comunidade?

Esta variável foi operacionalizada em termos de colegas desviantes que os indivíduos apresentam, tendo-se utilizado o questionário “Os meus Colegas”, isto é, o indivíduo deveria responder quantos colegas seus praticavam determinados atos transgressivos. Este estudo faz sentido na medida em que os autores da Teoria Geral do Crime lhe reservam um papel mais secundário, enquanto várias outras teorias, como é o caso da Teoria de Aprendizagem Social de Akers, lhe conferem um papel mais relevante.

Comparando as médias entre os dois grupos, é de notar que o grupo de jovens que se encontra a cumprir medida de internamento em Centro Educativo apresenta um número significativamente maior de pares desviantes ($M=51.71$) do que os jovens da comunidade ($M=31.84$). Estes resultados encontram-se na Tabela 2 (Anexos). Isto parece estar de acordo com os pressupostos defendidos por Gottfredson e Hirschi, os quais afirmam que, quanto maior a oportunidade de crime, maior é a tendência para a adoção de comportamentos antissociais.

IV - Estudo 2. Análise do poder de predição do baixo autocontrolo, oportunidades e interação destas duas variáveis numa amostra da comunidade.

1. Participantes

Os dados que se seguem são relativos a uma investigação iniciada em 1992-93, na Universidade de Coimbra, no qual participaram várias centenas de crianças e adolescentes dos dois sexos. O objetivo inicial era examinar o comportamento antissocial e problemas de aprendizagem de alunos do ensino básico, sendo que os participantes se encontravam a frequentar o 2º ano, o 4º ano e o 6º ano de escolaridade, em estabelecimentos de ensino público do Concelho de Coimbra. Destes participantes, 53% eram do sexo masculino e 47% do sexo feminino. No que diz respeito ao presente trabalho, foram utilizadas as informações recolhidas na última avaliação da coorte mais jovem (2º ano) e da coorte intermédia (4º ano), atualmente com idades que se situam entre os 26 e os 30 anos. A nossa atenção incidiu de modo particular sobre

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

variáveis que permitiriam testar a Teoria Geral do Crime em alguns dos seus domínios, nomeadamente no que diz respeito ao comportamento antissocial referido pelos próprios sujeitos *através de questionários de autoavaliação*, ao autocontrolo e a representações da vinculação aos pais. Além disto, houve também acesso a diversos dados sociodemográficos, o que tornou esta investigação mais rica (Simões *et al.*, 1995).

2. Instrumentos

Questionário sociodemográfico - entrevista semiestruturada

Esta entrevista consiste numa adaptação do Inventário de Problemas do Comportamento para Adultos (Achenbach & Rescorla, 2003) e engloba questões já utilizadas em avaliações anteriores, analisando diversos aspetos da vida dos participantes, como por exemplo o respetivo estado civil, a composição do agregado familiar, as relações entre o casal, as experiências laborais, o percurso escolar e acontecimentos de vida marcantes, sejam eles positivos ou negativos.

Inventário de Problemas de Comportamento de Achenbach para Adultos (Adult Self Report - ASR) (Achenbach & Rescorla, 2003)

Nesta fase da investigação, foi utilizada a versão para adulto -*Adult Self Report* - a qual se destina a examinar problemas de comportamento que possam ter ocorrido durante os últimos seis meses em indivíduos dos 18 aos 59 anos de idade. Os seus itens encontravam-se agrupados em 8 escalas, sendo estas o Isolamento, as Queixas somáticas, a Ansiedade/depressão, os Problemas de pensamento, os Problemas de atenção, o Comportamento agressivo, o Comportamento intrusivo e a Delinquência. Os participantes deviam referir se concordavam com cada item, isto numa escala de 0 (Nada Verdadeiro) até 2 (Muito Verdadeiro). Esta escala dispõe de uma pontuação global, uma pontuação por escala e uma pontuação relativa à síndrome de externalização que engloba as escalas de comportamento agressivo e delinquência, e à síndrome de internalização que inclui as escalas de queixas somáticas, isolamento e ansiedade/depressão.

Na sua versão original, a fidelidade e a validade deste inventário são consideradas como tendo boas qualidades psicométricas (Achenbach & Rescorla, 2003). A análise preliminar das características deste instrumento realizada no âmbito desta investigação revelou uma boa consistência interna (Alfa de Cronbach = .928).

Escala de Comportamentos Antissociais e Delinquência (Self-Report Antisocial Behavior – SRA) (Loeber *et al.*, 1989; 1998)

Este instrumento foi utilizado em todas as fases do estudo longitudinal de Coimbra, tendo sido adaptado à idade de cada participante. Nesta versão, inclui 64 itens relativos a diversos comportamentos antissociais, como por exemplo roubo, agressão física ou psicológica, consumo/ tráfico de droga,

O impacto do baixo autocontrolo no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

problemas com a polícia/ tribunais, entre outros.

Esta escala apresenta duas maneiras distintas de resposta, dependendo de dois quadros temporais diferentes. Ou seja, quando a pergunta se referia a “alguma vez na vida”, a resposta era sim/não, quando a pergunta era relacionada com os últimos 12 meses, a resposta podia ser nunca (0), 1 ou 2 vezes (1) e várias vezes (2).

Para além de um score global de comportamento antissocial, este instrumento permite calcular também índices específicos de agressão, furto, consumo de drogas e comportamento antissocial sem consumo de drogas. Foi este último índice o que no presente trabalho se utilizou.

3. Procedimento

Numa fase inicial deste estudo longitudinal, a recolha de informações passava, maioritariamente, pela avaliação dos sujeitos em pequenos grupos, como por exemplo em turmas. Na última avaliação, correspondente a este estudo, a recolha de dados foi feita através de entrevista individual, realizada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE-UC), podendo ocorrer também noutras locais previamente combinados, tendo em conta a disponibilidade dos entrevistados. Em alguns casos muito raros, a entrevista e os questionários foram também enviados pelo correio ou por *e-mail*, por exemplo quando os participantes que aceitaram responder se encontravam fora de Portugal, noutras regiões afastadas no País ou por incompatibilidade de horários. Foi possível também recorrer-se à entrevista por telefone quando surgiram dúvidas ou quando alguns itens não foram respondidos.

Através deste procedimento, a taxa de participação dos sujeitos das duas coortes foi elevada, tendo-se acumulado uma grande variedade de informações relativas a diversas áreas do funcionamento de cada participante, desde a fase da adolescência até à idade adulta. Os dados do estudo 2 da presente dissertação foram então retirados dessa amostra.

4. Resultados

Serão o baixo autocontrolo, as oportunidades e a interação entre estas duas variáveis bons preditores do comportamento antissocial nos jovens adultos?

O Quadro 1 apresenta os resultados de uma regressão multilinear hierárquica destinada a testar se o baixo autocontrolo era um bom preditor do comportamento antissocial após se controlar o efeito de vários outros factores concorrentes relevantes. Assim foram entrando em sucessivos passos dessa análise as dificuldades de aprendizagem (1), o comportamento antissocial no ensino básico (2), o sexo (3), o nível de escolaridade dos pais (4), o baixo autocontrolo aos 17-18 anos (5), o número de pares desviantes aos 17-18 anos (6) e a interação entre o baixo autocontrolo e colegas desviantes(7). Neste quadro, por uma questão de espaço e clareza, apresentam-se apenas os valores

de beta e os respectivos níveis de significância.

Quadro 1. Predizendo o comportamento antissocial: Dados de uma análise de regressão hierárquica

Modelo	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5
1. Dificuldades de aprendizagem reportadas pelos professores (ensino básico)	-.305***	-.272***	-.295***	-.285***	-.285***
2. Medida de comportamento antissocial auto-avaliado (ensino básico)	.059	.037	.029	.022	.022
3. Sexo	-	-.231***	-.208***	-.190***	-.190***
4. Nível de escolaridade dos pais	-	.177***	.187***	.172***	.172***
5. Baixo autocontrolo 17-18 anos	-	-	.120**	.106**	.110*
6. Pares desviantes 17-18 anos	-	-	-	.131***	.147
7. Interação baixo autocontrolo – pares desviantes	-	-	-	-	-.018

*p<.05

**p<.01

***p<.001

As dificuldades de aprendizagem reportadas pelos professores no ensino básico (2º e 4º ano) aparecem sempre significativamente associadas com o comportamento antissocial dos jovens adultos ($p=0.00$), nos 5 modelos existentes.

Já a medida de comportamento antissocial preenchida pelos próprios alunos aquando o ensino básico não tem, em nenhum dos momentos, uma relação estatisticamente significativa com o mesmo variável dependente na idade adulta. O sexo dos indivíduos é uma das variáveis que se destaca mais, mantendo sempre uma relação significativa com a variável dependente, ou seja, os homens têm muito mais propensão a praticarem atos transgressivos do que as mulheres. Também o nível de escolaridade dos pais se mostra um bom indicador com elevado significado clínico.

Já o autocontrolo apresenta um efeito significativo (nos modelo 3, 4 e 5), apesar de o seu poder explicativo ir diminuindo à medida que esta significância explicar cada vez menos, à medida que se vão juntando outras variáveis concorrentes.

Do mesmo modo, a variável relacionada com os pares desviantes prediz significativamente o comportamento antissocial do jovem adulto, mas esse

efeito diga de ser significativo no último modelo (passo 7). Neste caso, a variável que diz respeito à interação entre o baixo autocontrole e os pares desviantes, ao contrário do que seria de esperar, não apresenta significado clínico, o que vai contra os pressupostos da Teoria Geral do Crime.

Assim apesar de se ter confirmado a importância do baixo autocontrole na explicação do comportamento antissocial do adulto, verificou-se que há outras variáveis que parecem fornecer uma explicação ainda melhor desses comportamentos.

V - Discussão

Segundo Gottfredson e Hirschi, “tanto no crime, como em comportamentos análogos, existe uma característica comum nos indivíduos, que se designa por baixo autocontrole”. Este é o princípio base da Teoria Geral do Crime, que confere ao baixo autocontrole o papel mais determinante na origem do comportamento antissocial, sendo que, como segunda variável que de alguma maneira influencia este tipo de comportamento, colocam a oportunidade de crime. Nesta investigação, há resultados que corroboram esta teoria, que desde a sua formulação não deixou de ser a mais investigada até agora e a mais aceite; mas há também resultados que, pelo contrário, a contrariam. Tomando o primeiro estudo como partida para esta discussão, é de notar que, realmente, o grupo de jovens que se encontra a cumprir medida de internamento em Centro Educativo tem um maior nível de baixo autocontrole quando comparado com o grupo de jovens da comunidade. Este resultado é estatisticamente significativo, o que vai de encontro aos pressupostos da teoria. Apesar disso, apenas duas das seis subescalas de baixo autocontrole produzem um efeito significativo, sendo elas a impulsividade e as atividades físicas; as outras subescalas apresentam valores que vão no sentido esperado mas que não são estatisticamente significativos. Isto parece indicar que essas duas subescalas predominam sobre as outras quatro, sendo características mais marcantes de um baixo autocontrole. Obviamente este ponto merece ser analisado em futuras investigações.

No que toca à oportunidade de crime, este estudo também vai de encontro ao que a Teoria Geral do Crime defende, apontando que os jovens do Centro Educativo têm mais pares desviantes do que os seus colegas da comunidade. Mas, como afirmam os autores da teoria, como toda a gente tem imensas oportunidades de transgredir, o que verdadeiramente faz a diferença é o baixo autocontrole. No segundo estudo, utilizando uma amostra de um estudo longitudinal, pretendeu-se analisar o impacto do baixo autocontrole, da oportunidade, e da interação entre estas duas variáveis na população geral. Em termos gerais, a influência do baixo autocontrole revelou sempre significado clínico. Apesar disso, e contrariamente ao que esta teoria postula, a oportunidade de crime (pares desviantes) não se revelou estatisticamente significativo em todos os modelos em que foi testado pois, à medida que se iam acrescentando outras variáveis, tanto o baixo autocontrole como os pares desviantes iam explicando cada vez menos. A interação entre estas duas variáveis também não se mostrou significativa, o que também contraria a

O impacto do baixo autocontrole no crime e no comportamento antissocial: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de jovens portugueses

Andreia Filipa Monteiro Miranda (andreiafilipamm@hotmail.com)

hipótese central desta teoria. Acresce, ainda, que variáveis como o sexo, o nível de escolaridade dos pais e as dificuldades de aprendizagem reportadas pelos professores no ensino básico também foram significativas, umas mais do que o baixo autocontrolo e os pares desviantes, o que parece por de lado a ideia de que o maior determinante do comportamento antissocial seria o baixo autocontrolo. Isto coloca uma questão interessante: como explicar estes resultados que, à primeira vista, contradizem uma já vasta literatura sobre a Teoria Geral do Crime?

É possível que a explicação resida nas características metodológicas do presente estudo. Primeiro, é importante também ter em conta que a amostra de jovens utilizada neste estudo era muito reduzida, o que pode influenciar os resultados. Segundo, o facto de não se ter utilizado uma medida que avaliasse a desajustabilidade social dos participantes pode ter comprometido a validade dos dados relativos aos comportamentos antissociais, pois tanto os jovens da comunidade podem querer dar uma imagem mais negativa deles como os jovens do Centro Educativo podem querer dar uma imagem mais positiva de si, pois, mesmo tendo sido informados que este estudo em nada se relacionava com o cumprimento das suas medidas, podem desconfiar disso mesmo. Terceiro, podemos interrogarmo-nos se os estes resultados seriam diferentes se fosse usada outra medida de medição do baixo autocontrolo. De facto, os próprios autores desta teoria chegaram a defender que uma medida comportamental do baixo autocontrolo seria mais adequada do que uma medida cognitiva ou atitudinal como esta, para mais eficazmente se testar o valor explicativo dessa teoria. Finalmente, uma outra possível explicação é que a Teoria Geral do Crime é válida para explicar formas mais graves de delinquência (estudo 1) mas revela-se menos adequada para formas menos graves (estudo 2).

VI – Conclusões

Esta investigação tinha como objetivo principal testar a hipótese de o baixo autocontrolo explicar o crime e todos os tipos de comportamento antissocial, isto numa amostra da comunidade e numa amostra de jovens adultos que se encontram a cumprir medida de internamento em Centro Educativo. Os resultados corroboram a hipótese de uma forte relação entre baixo autocontrolo e crime e/ou comportamento antissocial. Os dados apontam para um efeito significativo tanto da variável baixo autocontrolo como da variável oportunidade de crime, a qual está operacionalizada em termos de pares desviantes. No primeiro estudo, concluiu-se que os jovens que estão a cumprir medida de internamento em Centro Educativo têm mais baixo autocontrolo do que os jovens da comunidade, o que vai de encontro à Teoria Geral do Crime. No entanto, verificou-se que essas diferenças só eram estatisticamente significativas nas subescalas impulsividade e atividades físicas. Isto realça a questão da natureza unidimensional ou multidimensional do deste construto, que não foi ainda completamente esclarecida.

Um outro resultado interessante deste estudo é que o baixo autocontrolo por si só não é o único determinante do crime, sendo a oportunidade de crime

outra variável que aumenta a probabilidade manifestação de um crime. Confirma-se assim mais uma predição da teoria aqui em análise. Apesar disto, no segundo estudo, contrariamente ao que a Teoria Geral do Crime postula, a interação entre as duas variáveis não fornece uma melhor predição do comportamento antissocial nos jovens adultos.

Como já acima se referiu é possível que estas incongruências dos resultados tenham a ver com algumas limitações metodológicas do presente estudo. Uma delas, para além das que já foram mencionadas, prende-se com o facto de a avaliação das oportunidades se ter realizado apenas a partir de um só questionário, que operacionalizava esta variável através da contagem dos colegas desviantes referidos pelo próprio participante.

Será por isso importante realizar novos estudos na população portuguesa que possam contornar tais limitações e assim fornecer um teste mais rigoroso da maneira como o baixo autocontrolo influencia o crime e os comportamentos análogos. Até agora, em Portugal, têm sido utilizadas, na maioria, amostras da comunidade ou amostras de adultos encarcerados, sendo escassos os estudos que utilizem os dois tipos de amostras em conjunto, o que permitiria verificar em que situações esta teoria terá mais validade. Foi isso o que neste trabalho se tentou fazer.

Os estudos até agora realizados defendem que o autocontrolo ou outras características similares do indivíduo têm um papel determinante no aparecimento e desenvolvimento do comportamento antissocial na infância e ao longo da vida. Apesar disso, é de notar que uma boa parte desses estudos recorreu a metodologias transversais e envolveu participantes no fim da adolescência ou início da idade adulta, facto esse que dificulta o teste da hipótese, segundo a qual o baixo autocontrolo na infância exerce um efeito significativo no comportamento antissocial dos adultos.

Outra limitação consiste no facto de os instrumentos utilizados para avaliar o autocontrolo variarem muito de um estudo para o outro, o que em muito dificulta a comparação dos resultados. O ideal seria utilizar em futuros estudos também uma medida comportamental de autocontrolo juntamente com a que aqui se utilizou. De acordo com Hirschi isso permitiria um teste mais rigoroso da Teoria Geral do Crime. Infelizmente, tanto quanto é do nosso conhecimento, tal medida ainda não foi encontrada.

Para finalizar, é importante também referir que mesmo os estudos longitudinais que permitiram acompanhar os mesmos participantes desde os primeiros anos da infância até à idade adulta têm dado resultados contraditórios ou nem sempre consistentes entre si.

Bibliografia

Arneklev, B. J., Grasmick, H. G., Tittle, C. R., & Bursik, Jr., R. J. (1993). *Low self-control and imprudent behavior*. *Journal of Quantitative Criminology*, 9 (3), 225-247.

Arneklev, B. J., Cochran, J. K., & Gainey, R. R. (1998). Testing Gottfredson and Hirschi's "low self-control" stability hypothesis: An exploratory study. *American Journal of Criminal Justice*, 23(1), 107-127. doi:10.1007/bf02887286

Arneklev, B. J., Grasmick, H. G., & Bursik, Jr., R. J. (1999). Evaluating the dimensionality and invariance of "Low self-control". *Journal of Quantitative Criminology*, 15 (3), 307-331.

Barbosa, A. C. (2009). *Jovens à margem: um estudo qualitativo sobre os comportamentos desviantes, os agentes de socialização e a esperança no futuro*. (Master's thesis, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal).

Blos, P. (1962). *On Adolescence: a psychoanalytic interpretation*. New York: Free Press.

Burt, C. H., Simons, R. L., & Simons, L. G. (2006). A longitudinal test of the effects of parenting and the stability of self-control: negative evidence for the general theory of crime. *Criminology*, 44 (2), 353-396.

Coleman, J. (1985). *Psicologia de la adolescencia*. Madrid: Morata.

Conner, B. T., Stein, J. A., & Longshore, D. (2008). Examining Self-Control as a Multidimensional Predictor of Crime and Drug Use in Adolescents with Criminal Histories. *The Journal of Behavioral Health Services & Research*, 36(2), 137-149. doi:10.1007/s11414-008-9121-7

DeLisi, M., Hochstetler, A., & Murphy, D. S. (2003). Self-control behind bars: a validation study of the Grasmick et al. scale. *Justice Quarterly*, 20 (2), 241-263

DeLisi, M. (2005). *Career Criminals in Society*. Thousand Oaks, CA: SAGE.

Fonseca, A. C. (2004). *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta*. Coimbra: Almedina.

Fonseca, A. C., Rebelo, J. A., & Damião, M. H. (2006). Relatório final do projecto de investigação "O desenvolvimento dos comportamentos antisociais: Um estudo longitudinal dos factores de risco e protecção". Lisboa: FCT.

Fonseca, A. C. (2013). Consumo de Drogas e Comportamentos Antissociais na Adolescência: Que Relação? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47(1), 157-176. doi:10.14195/1647-8614_47-1_8

- Fonseca, A. C. (2014). *Jovens Adultos*. Coimbra: Almedina.
- Franken, A., Moffitt, T. E., Steglich, C. E., Dijkstra, J. K., Harakeh, Z., & Vollebergh, W. A. (2015). The Role of Self-Control and Early Adolescents' Friendships in the Development of Externalizing Behavior: The SNARE Study. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(9), 1800-1811. doi:10.1007/s10964-015-0287-z
- Goode, B. (2008). *Out of Control: assessing the general theory of crime*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Gomes, H. M., & Gouveia-Pereira, M. (2014). Funcionamento familiar e delinquência juvenil: A mediação do autocontrolo. *Análise Psicológica*, 32(4), 439-451. doi:10.14417/ap.958
- Gottfredson, M. R., & Hirschi, T. (1990). *A General Theory of Crime*. Stanford, California: Stanford University Press
- Gibbs, J. J. & Giever, D. (1995). Self-control and its manifestation among university students: an empirical test of Gottfredson and Hirschi's general theory. *Justice Quarterly*, 12, 231-255.
- Gibson, C., Schreck, C. & Miller, M. (2004). Binge drinking and negative alcohol related behaviors: a test of self-control theory. *Journal of Criminal Justice*, 32, 411-420.
- Gottfredson, M. (2017). Self-Control Theory and Crime. *Oxford Research Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice*. doi:10.1093/acrefore/9780190264079.013.252
- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Alves Martins, M., & Peixoto, F. (2012). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 18(2), 191-201. doi:10.14417/ap.414
- Grasmick, H. G., Tittle, C. R., Bursik, Jr., R. J., & Arneklev, B. J. (1993). Testing the core empirical implications of Gottfredson and Hirschi's general theory of crime. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 30 (1), 5-29.
- Ha, O. K., & Beauregard, E. (2016). Sex offending and low self-control: An extension and test of the general theory of crime. *Journal of Criminal Justice*, 47, 62-73. doi:10.1016/j.jcrimjus.2016.07.005
- Kirchler, E. & Gouveia-Pereira, M. (1998). Campo social do adolescente: o individual, o grupo de pares e os outros. In M. Alves-Martins (Ed.), IX Colóquio de Psicologia e Educação (pp. 19-43). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Kirchler, E., Palmonari, A., & Pombeni, M. (1991). Sweet sixteen. Adolescent's problems and the peer group source of support. *European Journal of Psychology of Education*, 6, 541-563.
- Longshore, D. & Turner, S. (1998). Self-control and Criminal

Opportunity: Cross-sectional test of the General Theory of Crime. *Criminal Justice and Behaviour*, 25 (1), 81-98.

Martino, S. C., Collins, R. L., & Ellickson, P. L. (2004). Substance use and early marriage. *Journal of Marriage and Family*, 66(1), 244–257.

Nakhaie, M., Silverman, R., & LaGrange, T. C. (2000). Self-control and social control: An examination of gender, ethnicity, class and delinquency. *Canadian Journal of Sociology*, 25(1), 35–39.

Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis*. Lisboa: Notícias Editorial.

Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: Validation study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3, 64-80.

Perrone, D., Sullivan, C. J., Pratt, T. C., & Margaryan, S. (2004). Parental efficacy, selfcontrol, and delinquency: A test of a general theory of crime on a nationally representative sample of youth. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 48(3), 298–312.

Pinto, C. I. (2012). *O efeito do baixo autocontrolo no crime e no comportamento anti-social: análise da Teoria Geral do Crime numa amostra de reclusos e não reclusos portugueses* (Master's thesis, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra, Portugal).

Pratt, T. C. & Cullen, F. T. (2000). Gottfredson and Hirschi's General Theory of Crime: A Meta-analysis. *Criminology*, 38 (3), 931-964.

Rubin, K. H., Bukowski, W. M. & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In W. Damon & R. M. Lerner (Series Eds.) & N. Eisenberg (Volume Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 3: Social, emotional, and personality development (6th ed., pp. 571-645)*. Hoboken, NJ US: John Wiley & Sons Inc.

Seipel, C., & Eifler, S. (2008). Opportunities, Rational Choice, and Self-Control. *Crime & Delinquency*, 56(2), 167-197.
doi:10.1177/0011128707312525

Simões, A., Ferreira, J. A., Fonseca, A. C. & Rebelo, J. A. (1995). Um estudo dos distúrbios do comportamento e dificuldades de aprendizagem no ensino básico: opções metodológicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIX(3), 55-68.

Smith, M. G, Dodge, K. A., Dishion, T. J., McCord, J. (2005). Peer Influence in Children and Adolescents: Crossing the Bridge from Developmental to Intervention Science, *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(3), 255-265.

Tangney, J. P., Baumeister, R. F., & Boone, A. L. (2004). High Self-Control Predicts Good Adjustment, Less Pathology, Better Grades, and Interpersonal Success. *Journal of Personality*, 72(2), 271-324.

doi:10.1111/j.0022-3506.2004.00263.x

Turner, M. G., & Piquero, A. R. (2002). The stability of self-control. *Journal of Criminal Justice*, 30, 457-471.

Vazsonyi, A. T., & Ksinan Jiskrova, G. (2017). *On the development of self-control and deviance from preschool to middle adolescence. Journal of Criminal Justice*. doi:10.1016/j.jcrimjus.2017.08.005

Vazsonyi, A. T., Pickering, L. E., Junger, M., & Hessing, D. (2001). An empirical test of a general theory of crime: a four-nation comparative study of self-control and the prediction of deviance. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 38 (2), 91-131.

Warr, M. (2002). *Companions in Crime: The Social Aspects of Criminal Conduct*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Zhang, L., Welte, J. W., & Wieczorek, W. F. (2002). Underlying common factors of adolescent problem behaviors. *Criminal Justice and Behavior*, 29(2), 161-182.

Anexos

Tabela 1. Médias e desvios-padrão do grupo de jovens em regime de internamento em Centro Educativo e do grupo de jovens da comunidade nas subescalas da Escala de Baixo Autocontrolo.

	Grupo de reclusos	Grupo de comunidade	df	F	Sig
Impulsividade	9.03 (2.107)	8.14 (1.833)	1,76	3.967	0.050
Tarefas simples	8.03 (2.538)	8.12 (2.014)	1,76	0.029	0.865
Tomada Riscos	9.49 (3.355)	8.33 (2.643)	1,76	2.919	0.092
Egocentrismo	6.91 (2.063)	6.28 (1.843)	1,76	2.059	0.155
Temperamento	8.86 (2.702)	8.70 (2.568)	1,76	0.071	0.791
Atividades físicas	11.23 (2.624)	9.33 (2.801)	1,76	9.422	0.003

Nota: Os desvios-padrão encontram-se entre parênteses.

Tabela 2. Médias e desvios-padrão do grupo de jovens em regime de internamento em Centro Educativo e do grupo de jovens da comunidade na subescala Oportunidade de Crime.

	Grupo de reclusos	Grupo de comunidade	df	F	Sig
Pares desviantes	51.71 (10.712)	31.84 (5.269)	1,76	114.343	0.000

Nota: Os desvios-padrão encontram-se entre parênteses.